AUTOBIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

Capítulo 14 – TURMA DO ZÉ

Página

1 – A Turma do Zé	2
2 – Embargo de obra na minha casa.	7
3 – Visita da Dorinha	9
4 – Mudança da Dorinha e família	11
5 – Mudança para a Casa da Estação	14
6 – Casamento do Zézinho e Olga	19

Transcrito dos Diários do Vovô Zotinho e Tigró por:
José Nilton de Paiva e Joselisa Péres Queiroz de Paiva
Sugestões , comentários, críticas e/ou complementações (relatos e causos) favor enviá-los para:
E-Mail: joselisa@terra.com.br
Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 – Apto 15 - Bairro Gonzaguinha
CEP 11320-070 – São Vicente / SP
Tel.: (13) 3469-8004

Capítulos anteriores: ver no site **http://www.espeschit.com.br/books**
criado por Toni, filho do Magno e Abgail.

1 – A Turma do Zé:

O Zé gostava muito do Carmo. Ele fora criado na água. A nossa casa na beira da linha é perto de dois rios, um do Aterrado que nasce na Serra dos Pintos, passando no Rosário, Dom Viçoso, Serrinha, Campos, entrando na fazenda do Aterrado e vem até o Rio Verde, fazendo a divisa dos terrenos do Aterrado e do Caio Arruda. Em frente à casa desce o Rio Verde, um grande rio que nasce na Mantiqueira, para lá do túnel, passando em Passa Quatro, Itanhandú, São Sebastião do Rio Verde, Tacape, aqui e depois São Lourenço.

Junto com o Padre Zé vinha o pessoal todo que gostava de água: os filhos da Bebé (4 mulheres e 4 rapazes), os dois da Alaíde e duas da Landinha. Esses 12 era a "Turma do Zé". Passavam o dia nadando e passeando por aqui e voltavam para Pouso Alto à tarde, de trem.

VERSÃO DIÁRIO DA TIGRÓ:

Em janeiro o mês inteiro é de festa. O Zé e a turma passam as férias aqui no Carmo e em Pouso Alto. O filho, netos e netas do papai são chamados de Turma do Zé. Sabem se divertir. A turma do Zé é constituída principalmente pelos filhos da Bebé, da Alaíde, da Landinha, Terezinha e Dorinha, mas sempre tem muitos enxertos. Eles me apresentavam os participantes da turma dizendo:

- Este é o Silvestre, filho do Miguel Gorgulho; este é o João da Glória; estes são o Gilberto e o João Bosco, filho do Gabriel Gorgulho; esta é a Aparecida, filha do Rafael Gorgulho; estas são a Zezé e a Cidona, filha do João Negreiros,etc.

A turma do Zé é uma aleluia, causadora de prazer e satisfação para os pais, avós, irmãs e tios. Os natais e páscoas que papai, mamãe e nós passamos juntos com a Turma do Zé, aqui ou na casa dos Paiva em Pouso Alto, foram os mais alegres, cheios de união, amor, verdadeiro natal em família unida com a Sagrada Família de Nazaré Jesus, Maria e José.

Padre Mário queria muito bem o Zé. Queria fazer tudo que o Zé fazia, menos entrar na água. Ficava de longe vendo a turma nadar e brincar. Um dia, eu e o Padre Mário, estávamos sentados numa pedra na casinha na beira da linha. Veio o Padre Zé de calção, estava um sol muito quente. Pediu a Glorinha um óleo para passar nas costas. A Glorinha disse que óleo não tinha, tinha banha de galinha, se ele queria. Padre Mário virou-se e disse:

- Vai se sujar todo Zé.

Mas o Zé não ligou e pediu para a Glorinha passar a banha. Quando a Glorinha terminou de passar o Padre Mário tirou a camisa e disse a ela:

- Passa aqui em mim também.

No outro dia todos fomos para o Carmo. Chegamos às 8 horas da manhã. A turma foi logo para o rio, no lugar chamado de "prainha", onde passavam o dia nadando, brincando e assando milho verde. Zuza e Glorinha mandaram chamar para almoçar às 11 horas. Após o almoço voltaram para a prainha. A Alaíde e Padre Mário também foram ver a turma nadar.

Arranjaram uma canoa. Padre Zé atravessava a turma para o outro lado do rio. Padre Mario convidou a Alaíde para dar uma voltinha de canoa.Ela aceitou e chamaram o Padre Zé, que veio e encostou a canoa para eles entrarem. O Padre Mario sentou na frente e Alaíde atrás. Padre Zé tocou a canoa. No meio do rio o Padre Zé foi desviar de um toco e a correnteza forte virou a canoa. Alaíde e Padre Mario afundaram na água. Padre Zé saltou e puxou a Alaíde. Alaíde gritou os companheiros que estavam esparramados nadando no rio. Padre Mario já tinha ido ao fundo duas vezes, boiava e afundava novamente. A canoa enroscou-se no toco e ficando perto do Padre Mario, este passava a mão na canoa, mas esta estava lisa, escorregava e afundava novamente. Chegou a turma de rapazes nadando e gritavam:

- "Debruça na canoa!"

Chegaram e ajudaram o Padre Mario a subir. Foram nadando, empurrando a canoa com o Padre Mario debruçado sobre ela. Foi o mesmo que uma porção de formigas carregando um elefante.

Evaldo correu lá em casa e pediu para a Glorinha arrumar uma calça, que o Padre Mario tinha sujado na dele. Mandei uma calça minha. Ele vestiu mas pode abotoar somente o botão de baixo. Veio para casa amuado, triste e com a barriga de fora.

Eu, sem saber o ocorrido, levei-o para o meu quarto e mandei ele deitar para descansar. Depois é que eu soube, foi um verdadeiro milagre. Padre Mario já estava roxo e quase sem sentidos, quando saiu da água. Perdeu seus óculos, o que ele estava achando muita falta, pois quase não enxergava sem ele. Depois se lembrou que tinha outro óculos que ele deixou em Pouso Alto.

Esse dia ele não quis jantar. À tarde a turma voltou de trem misto para Pouso Alto. Lá, comentando o ocorrido, ele disse para a Alaíde:

- Até que ficava um casal de defuntos simpáticos!

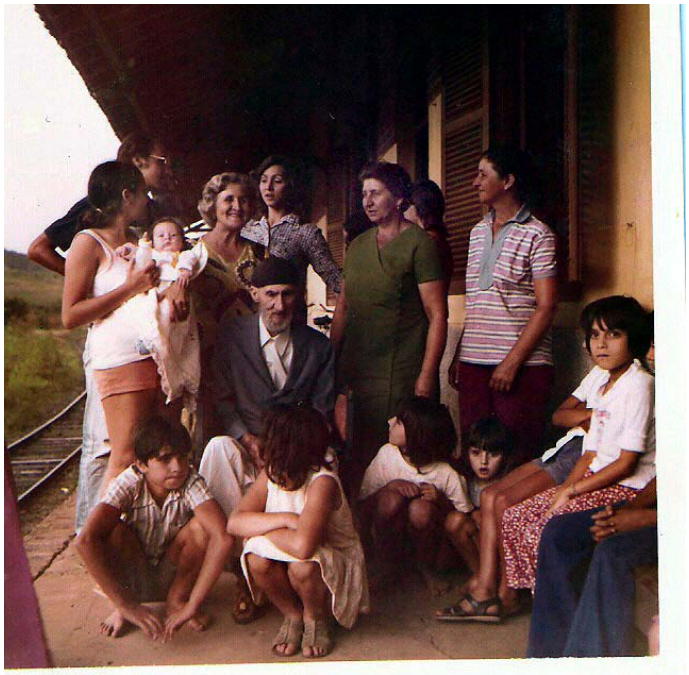
No outro dia o Padre Mário e Padre Zé voltaram para o colégio em Belo Horizonte. Terminaram as férias. Agora o batente os esperava.

O trem para aqui em Américo Lobo, mas a Estação está fechada, não tem Agente. E o Misto à tarde costuma atrasar-se muito. Depois de muito esperarmos a Glorinha mandou nos chamou para jantar e fomos.

Quando estávamos terminando a janta, já era tarde, o Misto parou na Estação e partiu. Ao passar em frente a nossa casa, a Zuza, Zélia, Márcia e Marilda, ainda comendo galinha, saíram correndo. O maquinista ao vê-las correndo, perguntou:

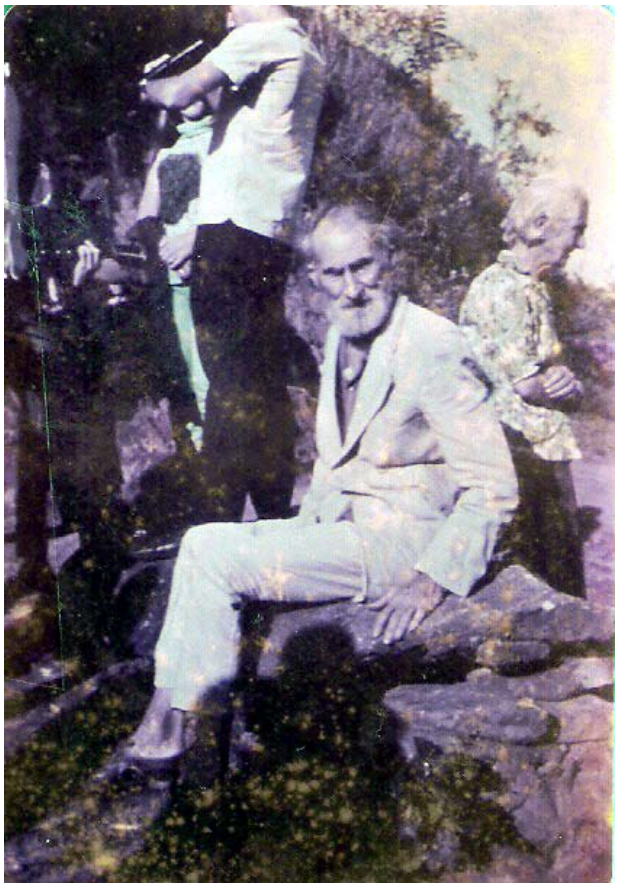
- Querem embarcar?
- Queremos. Responderam.

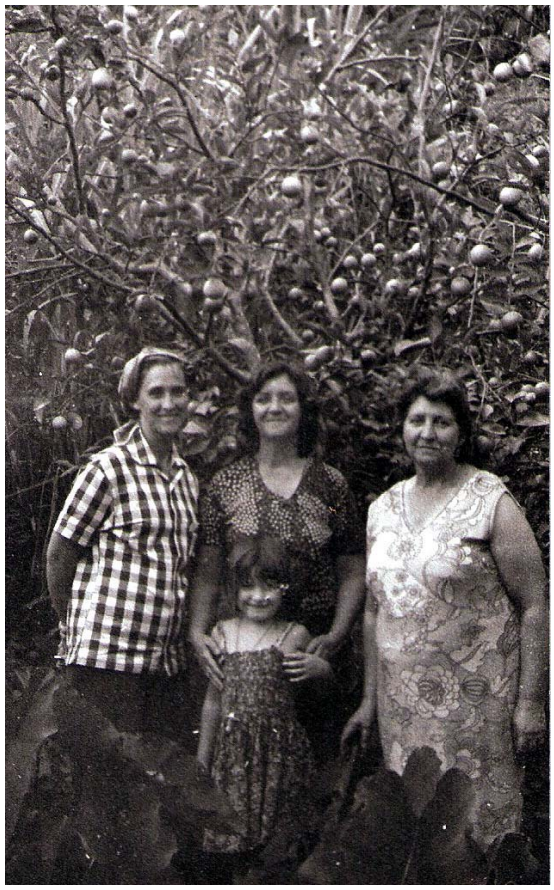
O maquinista deixou o vagão de passageiros chegar mais perto e parou o trem. Nós todos saímos correndo e embarcamos.



No dia 3 de janeiro foi aniversário do Pe. Zé. Fizeram uma festa em Pouso Alto comemorando todos os aniversariantes do mês: o meu, Isabel, Pe. Zé, Zélia, Tião, Fatinha e Inês. Foi uma festa surpresa para o Zé . Prepararam o festejo sem ele saber e teve ótimo. A banda tocou dobrado e valsa. O baile foi animado. Pe. Mario dançou com a Bebé e com a Alaíde. Os netos e netas representarem os números de um big teatro. Quando a banda tocou a valsa da saudade, a música predileta da Maria, minha esposa, ninguém conteve a emoção e choramos.Teve muita fartura de apetitosos quitutes.

No dia 27 de janeiro de 1968 a turma de BH veio para comemorar o meu aniversário. A turma desta vez era bastante grande: Padre Mario, Padre Zé e um italiano, Padre Vitor e três seminaristas Silvestre e mais dois e ainda três sobrinhas do Padre Mario. Trouxeram violão, guitarra, vieram com a Kombi cheia. Chegaram em Pouso Alto, eu estava para o Carmo. Eles vieram para cá de madrugada e fizeram uma bonita serenata. Passamos o dia no Carmo e à noite fomos terminar a festa em Pouso Alto. Lá fizemos teatros e brincadeiras. Alaíde e Bebé arrumaram lanches e bebidas. A banda do Zé Maestro veio tocar os parabéns.





Um dos seminaristas que veio com o Padre Mário foi o Silvestre Gorgulho, que estava próximo de ir se ordenar em Roma. Mas os padres barnabitas arrumaram uma licença de um ano para que ele pensasse mais um pouco se realmente tinha vocação e queria ser padre. Eu não achei isso nada bom. Falando com o Padre Mário, este disse:

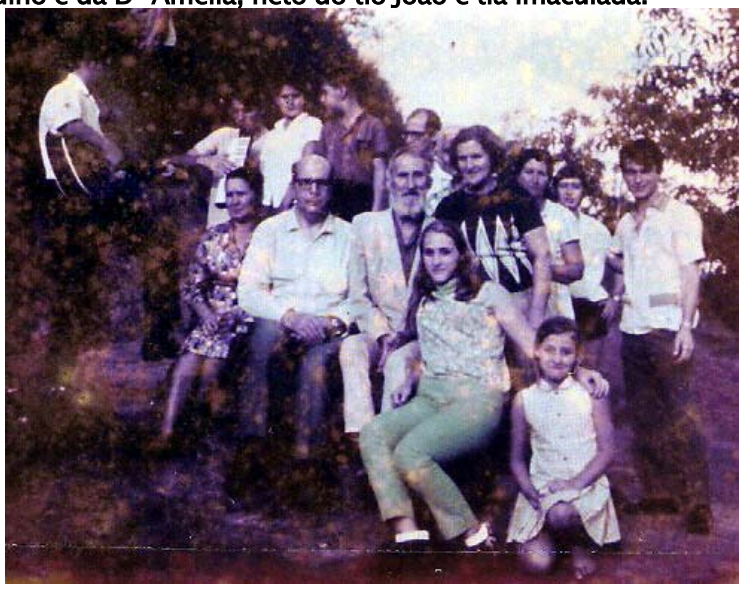
- O Silvestre já é nosso.

Alaíde arrumou um quarto para o Padre Mario e o Silvestre com o Padre Zé em outro. Os dois conversaram quase que a noite toda. No outro dia o Zé me falou:

- O Silvestre é um ótimo rapaz.

Eu perguntei se eles não estavam juntos no Colégio, ele respondeu:

- Estamos, mas cada um no seu ofício, esta noite é que batemos um papo largado e fiquei vendo que ele é um bom moço, preparado e pronto para enfrentar o mundo.
- Pudera, pois ele é filho do Miguel Gorgulho e da Dª Amélia, neto do tio João e tia Imaculada.



Versão do Diário da Tigró – 27 de janeiro de 1968

No dia 27 de janeiro, aniversário do papai, Pe. Zé, Pe. Mário e companhia vieram de kombi do Colégio, reuniram os netos e fizeram o festejo bem bom. Só eu é que não saboreei o festão em Pouso Alto. O papai trouxe quitutes de toda a espécie. Papai me contou comovido:

- **Graças a Deus Glória, correu tudo bem, muita fartura de doces, bebidas e salgadinhos, um grande e bonito bolo muito bem feito e o baile foi no salão do Ginásio de Pouso Alto. Depois que a turma já tinha ido dançar, chegou um carro de São Lourenço, era o Zé Dotte, alugou um carro e foi me dar um abraço e me deu um cheque de 100 contos, que valeu na hora. Deu para por gasolina no carro dos padres, eles de tanto rodar acho que já estavam duros, dei 50 contos para a Alaíde. Ela e a Zélia vão juntas com os padres passearem em Belo Horizonte.**

O Silvestre, sabendo que o Padre Mário gosta de passear, convidou-nos para almoçar com ele em São Lourenço, na Chácara, perto do Campo de Aviação. Combinamos o dia. No dia marcado arranjei a Kombi com o José Pires. Com o Padre Zé na direção, enchemos a Kombi: Padre Mário, eu, Alaíde, Bebé e seus filhos. Combinamos que de lá nos íamos a Cristina, jantar com o Bartolomeu.

Chegamos na chácara do Miguel Gorgulho às 9 horas mais ou menos. As 10 nos sentamos à mesa. O garçom era o Silvestre e a cozinheira era a sua mãe, Dª Amélia. Recordei da minha Maria, pois Dª Amélia ia mandando os petiscos para a mesa.

E nós todos comemos como uns padres, bebemos champanhe, cerveja branca e preta e vinho do Rio Grande do Sul. No final tomamos uma talagada da branquinha para dar coragem de pegar o tope. Levamos o Silvestre para Cristina. Na saída o Miguel pediu-nos desculpas devido a casa estar muito velha, disse que estava providenciando uma nova para receber as visitas sem vergonha.

Chegamos à Cristina às 2 horas mais ou menos. Fomos para a casa da Goica, perto da igreja matriz. Quando a mamãe morreu a Goica estava mocinha e o Zé Bartolomeu, que era o caçula, com 3 anos, dizia que agora a Goica era a nossa mãe.

Nós íamos jantar na casa do Zé Bartolomeu, mas antes de sairmos Goica arrumou-me um prato para mim, com feijão e farinha, arroz, lombo de porco e batatas fritas.
Com a Goica recordamos os tempos nos Pintos. Logo que acabei de comer, entramos na Kombi e fomos para a casa do Zé Bartolomeu e lá jantamos. A Lourdes, a mulher dele que me estima como pai, veio me servir. Eu disse que só queria a sobremesa. Ela abriu uma garrafa de cerveja preta. Brindamos a saúde de todos. Assistimos televisão, as meninas cantaram. Finalmente às 8 horas voltamos para Pouso Alto. O Silvestre também foi conosco.

2 – Embargo de obra na minha casa.

Aqui no Carmo, o Dr. Albertino deu o terreno para fazer a Estação, com Contrato de não fechar. E doou também seis outros para fazer a linha dentro das guaritas: 12m. Mais tarde, Getúlio Vargas decretou aumentar 10m dos lados da linha, a Ferrovia pagaria. A Ferrovia pagou e recebeu escrituras de todos da beira da linha, menos do Dr. Albertino, aqui na Fazendinha. A Ferrovia fechou beirando a estrada de rodagem. O Caio e o Nhonhô não incomodaram, deixaram a parte da beira do Rio Verde sem desfrutar.
Na ocasião em que fui fazer um puxado de 5m lá na cozinha, veio o Feitor me embargar a obra, dizendo que estava dentro dos terrenos da Ferrovia. Eu não liguei, continuei o serviço. Uma tarde parou aqui em frente o automovelzinho da Rede Ferroviária. Dele desceram dois Srs. E pediram-me para parar o serviço, ao que lhes respondi:

- Tragam-me a escritura, para verificarmos as nossas divisas.

Eles foram embora. No outro dia veio um moço, advogado da Rêde, muito bom e educado. Trouxe uma pasta cheia de papéis. Mandei ele entrar e assentar-se. Ele foi dizendo:

- Soube pelo Feitor que o Sr. é um homem nervoso.
- Nervoso não é bem o certo, eu sou é teimoso. Enquanto não ver a escritura não paro o serviço.

Ele abriu a pasta e começou a ler escrituras desde Cruzeiro até o Pontilhão na Fazenda do Aterrado, daí ele saltou para o Chico Miguel até São Lourenço. Aí eu disse:

- Eu quero ver é do Pontilhão ao Chico Miguel.

Esta ele não achou. Tomou café e despediu-se meio desapontado. E ficou tudo por isso mesmo.

Versão da Tigró:

Zuza pediu para o prefeito de Pouso Alto para fazer casa para a Escola, porque a nossa casa além de pequena está querendo cair. O prefeito deu ordem para fazer e apresentar as contas que a Prefeitura paga. Então papai comprou o material em São Lourenço: tijolo, telha, cimento e cal. A madeira do engradamento da casa comprou do Zé Ferreira, que a mãe dele deu para ele fazer a casa.

Naquela época papai fornecia milho debulhado para o armazém do Eduardo. Em uma das entregas do milho, chegou também um homem que ofereceu ao Eduardo três janelinhas e que o Eduardo disse:

- **Isso aí para mim não tem serventia.**

Aí o papai falou ao Eduardo:

- **Compra para mim Eduardo. Estou sem dinheiro, mas te pago em milho. E paga bem ao homem, coitado, ele é pobre.**
- **O que o Sr. vai fazer com essa porcaria?**
- **Estou precisando e vai me valer muito.**

O Eduardo comprou, papai pôs na charrete e trouxe.

Estando tudo no lugar, papai chamou o Sr. Crispim e mãos à obra. Ele fez as bases com pedra, tijolo e cimento armado e daí levantou as paredes, lidadas com a nossa casa.

Quando a casa estava bem adiantada, quase na hora de colocar o madeiramento e cobrir, parou na ferrovia e desceram de um altomóvelzinho quatro homens, funcionários da Ferrovia, os que ocupam cargo elevado, doutores da Organização. E falaram com o papai:

- **Proibimos o Sr. de continuar esta obra, caso contrário perderá o trabalho. Aqui pertence à Ferrovia.**

Papai ficou uma pilha de nervos e disse:

- **Não aceito o embargo verbal. Mostra-me a escritura com as divisas do que pertence a Ferrovia. Sei o que estou fazendo e a quem pertence esse terreno. Não é meu mas eu mando e não peço. Se os senhores mostrarem-me a escritura disso aqui provando que pertence à Ferrovia, eu não só perco o trabalho, como também desmancho tudo e jogo no rio.**
- **O Sr. aguarda a nossa volta e haveremos de lhe mostrar a escritura.**

Falei com o papai:

- **Papai, o Sr. falou muito alto com os doutores. Já pensou uma demanda com os ferroviários, se eles de fato mostrarem a escritura. Estamos perdidos.**
- **Falei e falo dentro do meu direito, na razão. Já disse que meu direito eu não dou a ninguém. A Mãe de Deus é Advogada de Defesa nossa.**

E na realidade o papai estava certo, porque os doutores voltaram e mostraram a divisa da ferrovia de Cruzeiro à Soledade, exceto o trecho de um pontilhão ao outro, porque este foi dosdo pelo sogro da Alaíde, mas não deu escritura.

Então o papai terminou a obra e ficou ótimo o salão com as três janelinhas. A Prefeitura de Pouso Alto pagou 20 mil cruzeiros para o papai. Uns dias depois de pronto o salão eu encontrei com o tio Hotelo em São Lourenço. Ele perguntou:
- Vocês aumentaram o prédio? Passando por lá de trem eu vi, ficou bom, só que as janelas parecem umas caixas de fósforo.

3 - VISITA DA DORINHA (Diário da Tigró)

Eu olhei a passagem do trem e conheci o Pe. Zé que me abanou a mão. Eu comuniquei ao papai e ele disse para eu ir encontrar-me com ele. Eu fui e avistei o Pe.Zé e uma mocinha a qual eu pensei que fosse a Olga, mas quando eu me aproximei da mocinha e ela veio sorrindo ao meu encontro eu vi de perto o meigo sorriso da Dorinha. Falei:

- É você Dorinha?
- Sou eu Glorinha. O Pe. Zé foi levar a Olga e eu aproveitei a carona e estou aqui bem folgada. Não trouxe nem a menor.
- Você fez bem Dorinha. Fez o que devia. Sua presença para a saúde do papai vale mais que biotônico.

De fato papai ficou muitíssimo alegre e até emocionado em abraçar a filha e o Pe. Zé. Eu, Zuza e as outras irmãs também compartilhamos da alegria. Dorinha como sempre, alegre e expansível, contou-nos as mirongas, as notícias do Paraná, a viagem. Pe. Zé seguiu no mesmo dia para Pouso Alto para ajudar a arranjar o festejo e esperar o Pe. Mário que vinha de Belo Horizonte.

Dorinha soube aproveitar os 40 dias de férias que ela tirou para descansar. Foi à Belo Horizonte, nos Macacos, em Manhuaçu, passou o carnaval em Pouso Alto e animou a Turma do Zé e todos fantasiaram-se e brincaram o carnaval. Até a Alaíde fantasiou de gata e sambou com os filhos. Eles não a conheceram. Quando os filhos chegaram em casa, o Albertino falou com a mãe:

- Mamãe, eu sassariquei com uma gata bacana, mas não soube quem ela é. Só sei que vale a pena dançar com ela. Amanhã, se ela estiver no salão, eu quero aproveitar, deve ser uma dama da capital.

Então o Zezinho disse ao Albertino:

- Essa gata que você está falando eu também não a conheço. Mas três gatas que eu dancei com elas, eu reconheci pela voz a Zélia, Marilda e Márcia. Eu não gostei é da Marilda ficar dançando muito com um negrinho. Eu dancei com uma moça alta, magra e bastante elegante.
- Mas ela não tirou a máscara e o chapéu. Pode ser que seja homem.
- Ah, isto não Albertino, ela tem as mãos muito delicadas.

Todos riram muito ao saberem que a Alaíde era a gata, o neguinho era a tia Dorinha e a moça era o tio Zé.

No dia 16 de março não se ouvia mais a bulha da Turma do Zé, cada um foi de regresso para o seu posto: a Dorinha para a sua casa, o Evaldo para Belo Horizonte, o Tião para o Rio de Janeiro, Márcia e Marilda para Barbacena, Alaide e os dois filhos se aquietaram em Pouso Alto, Isabel e a sobra dos filhos fixam pouso em casa após as férias, papai, eu e Zuza aqui na Providência. Eu perdi o sono, com saudades da turma e do Pe. Zé e meio mal humorada, saltei da cama, esfreguei os olhos, pus um casaco e saí para o retiro.

Escrito da Dorinha:

Peço licença a Glorinha para deixar aqui no seu Diário umas palavras como lembranças e também como despedidas dos meus bons dias de "descanso". Acho que aproveitei muito, sinto-me libertada dos meus tormentos; estou pronta e bem ensaiada para continuar representando no palco de minha vida, o mesmo drama talvez; mas com atos e enredos diferentes.
Saberei dar mais valor no meu querido "Lobinho", e creio em Deus, que ele não será esquecido por Ele, e também passará a ser um objeto compenetrado e valioso, que possa adquirir um lugar decente, não só no seu Diário, como também em nossos corações.
E quanto aos filhos, você tem razão em certa parte, mas eu faço o que posso. Hajo conscienciosamente no dever de mãe, mas olha minha cara Glorinha! A missão mais bela que Deus criou é a de mãe, e é a mais difícil. Em todo o caso eu acho que sou muito feliz com a minha turma, já pensou se eu não tivesse as moças e as crianças até bem boas? Eu não estaria aqui nesta folga, só passear, comer e dormir, e ler o seu Diário, que gostei muito, dou-te os parabéns. Encontrei nele páginas interessantes, umas que nos comovem, outras que nos fazem rir. De fato, está ótimo o seu Diário.
Amanhã irei, pretendo voltar assim que puder, jamais esquecerei os dias que passei com vocês. Adeus, muito obrigada! Adeus papai, Zuza e Tigró.
Dorinha.

3 – Mudança da Dorinha e família.

Padre Zé me contou que esteve no Paraná e que a Dorinha estava muito triste. Queria vir passar uns tempos aqui. Eu disse a ele que fosse lá e trouxesse a Dorinha e a turma, o que ele fez. Trouxe a moçada nas férias de julho, com as transferências para o Grupo e Colégio. Chegando aqui no Carmo eu pus quatro com a Alaíde, quatro com a Bebé, para estudarem em Pouso Alto. Aqui ficaram a Dorinha com a Tuquinha e o Cláudio. A Tuquinha estava com 2 anos. Dorinha gostava de ir para a roça com a Zuza e Glorinha. A Tuquinha ficava comigo, gostava de ver o trem. Quando o trem estava chegando e apitava, ela me chamava:

- Vem comigo vovô, vem comigo.
- Vai sozinha!
- Sozinha eu cago de medo, vovô.

Era levada a menina e muito ativa e engraçadinha. As vezes eu sentado na cozinha, ela com a vassoura vinha correndo para o meu lado, quando chegava perto de mim, falava:

- "Suspende o pé, fé-da-puta!"

Antigamente, no meu tempo de criança, se falasse palavrão, já saia tapa. Hoje, serve até de elogio.
Tinha um camarada aqui que montou num burro bravo, o burro pulou e ele não caiu. Os companheiros disseram:

- "Mas que filho da puta, ein!"

Neste ano, no mês de agosto, com o Pe. Zé e minhas 7 filhas, fizemos um almoço na casa da linha. O almoço contou com muitos netos e também dois genros. O Geraldo tinha ficado em Londrina. Depois soubemos que o Geraldo estava na Santa Casa de Londrina, muito machucado, desastre de caminhão. A Dorinha foi com a Tuquinha ver o marido.

Versão Diário da Tigró – Julho/1968

Pe. Zé telefonou para a Alaíde dizendo que segue para Londrina e que idealiza trazer a Dorinha com os filhos, que Geraldo não tem mesmo jeito, e que assim como está não é possível continuar. Alaíde falou com papai e ele disse:

- **Deixa vir, Pe Zé sabe o que faz. Louvado seja Deus, foi bom a Estação fechar. O prefeito alugou o salão para a Escola, a Zuza é a professora, portanto está um cazarão à nossa disposição, dá para a Dorinha com os filhos se acomodarem.**

Neuza, que estava passando uns dias aqui, estava perto e disse:

- **Não quero que nossa turma saia de Londrina, vou passar um telegrama.**

No dia 15/07/68 a Dorinha, Pe. Zé e a turma chegaram. Barbaridade, não compreendo bem esta confusão, eu penso que o Pe. Zé fez isso na boa fé tentando encaminhar a turma em bom caminho e tirar a Dorinha de perto do Geraldo. Mas aí é que está o ipsilon, a lã não pesa para o carneiro, mas o cabrito que tem pelo de rato não suporta o calor da lã. Veja só, uma mãe com muitos filhos, todos para educar e ninguém habilitado para o trabalho, coitada da Dorinha, com o peso de tamanha responsabilidade.

Foi feita a matrícula no Ginásio de Pouso Alto para os que estavam estudando e duas das mais velhas iam trabalhar em São José dos Campos. Dorinha, a menor e o Cláudio iam ficar aqui. Mas a Neuza passou um telegrama para a Júlia, sua irmã casada que ficou no Paraná, dizendo para não trazer a mudança que já estava acertada pelo Pe. Zé. Alaíde telefonou para o Pe. Zé no Rio e que ele disse que a Dorinha resolvesse o que ela achava que fosse melhor para ela. Papai ficou uma pilha de nervos que até falava sozinho.

No dia 4 de agosto de 1968, primeiro domingo do mês, reuniu-se aqui em casa os oito filhos do papai: sete mulheres e o padre, um punhado de netos e dois genros: Chico e o Ferreira. Foi uma alegria geral. Uma dizia para a outra:

- **Isso é a primeira vez que acontece, nem no tempo da mamãe, sempre faltava uma ou então faltava o nosso irmãozinho padre.**

Pe. Zé e Dorinha conversaram por longo tempo e depois Dorinha disse ao papai que ia mandar a Neuza e a Maria Isabel para a casa da Terezinha em São José dos Campos, para ver se arrumavam colocação e que depois a turma que está estudando iria para lá também.

No dia 5/8/68 as aulas começaram. Papai disse:

- **Vamos meninadas, vocês já estão matriculados. Vão para Pouso Alto para estudar. Acabou-se a treta, chega de festa. Terezinha, você toma conta das duas que vão para sua casa e três ficam com a Bebé, três com a Alaíde e a Dorinha com a menor e o menino que não estudam ficam aqui comigo.**

No dia 01/09/68 a Dorinha recebeu carta do Geraldo, eu não a lí, mas ouvi o comentários de que ele ordena a volta de todos e que vai mandar uma kombi para buscá-los. O papai disse:

- **Se o Geraldo vier buscar, eu não seguro. Mas se não, que a turma fique para estudar que o Pe. Zé ajudaria nas despesas.**

Pobre Dorinha, dá para notar que ela não quer de jeito maneira viver longe do Geraldo, mas enfim é o geito, coma pau ou pedra é ele mesmo o pai das crianças.

No dia 05/09/68 a Dorinha recebeu um telegrama do Paraná dizendo:

- **Venha urgente e traga a Tuquinha. A Júlia está doente.**

Na mesma data Alaíde atende uma telefonema do Chico de São José dos Campos:

- Maria Isabel vai chegar aí, Neuza foi para o Paraná. As filhas da Dorinha não querem trabalhar aqui.

Pobre Dorinha, ela triste, calada, esquerda, nunca ficou separada da filharada, agora este descontrole, uns aqui, outros acolá, ela sem saber o que fazer. Coitada, como deve estar com o espírito agitado, misturado de angústia e solidão. Eu bem que partilho do seu sofrimento, mas nada posso fazer para aliviá-la. Até para dizer a verdade sou um dos instrumentos que aumentam o seu sofrer, sendo-lhe sem cerimônia de ser franca e falo um pouco demais.

No dia 08/09/68 chegou um telegrama da Neuza dizendo que o Geraldo chocou o carro com um caminhão e que encontra-se no hospital todo quebrado.
Cá entre nós, será que é verdade, ou será que ele quebrou apenas o nariz? Pobre da Dorinha e nós todos. Dias piores não poderão vir. Dorinha disse ao papai:

- Eu preciso ir meu pai, ele é meu marido, e num caso desse a minha obrigação é de estar ao seu lado.
- Só pelo telegrama da Neuza acho melhor você não ir minha filha. Aguarda o Geraldo ao menos dizer para você ir.

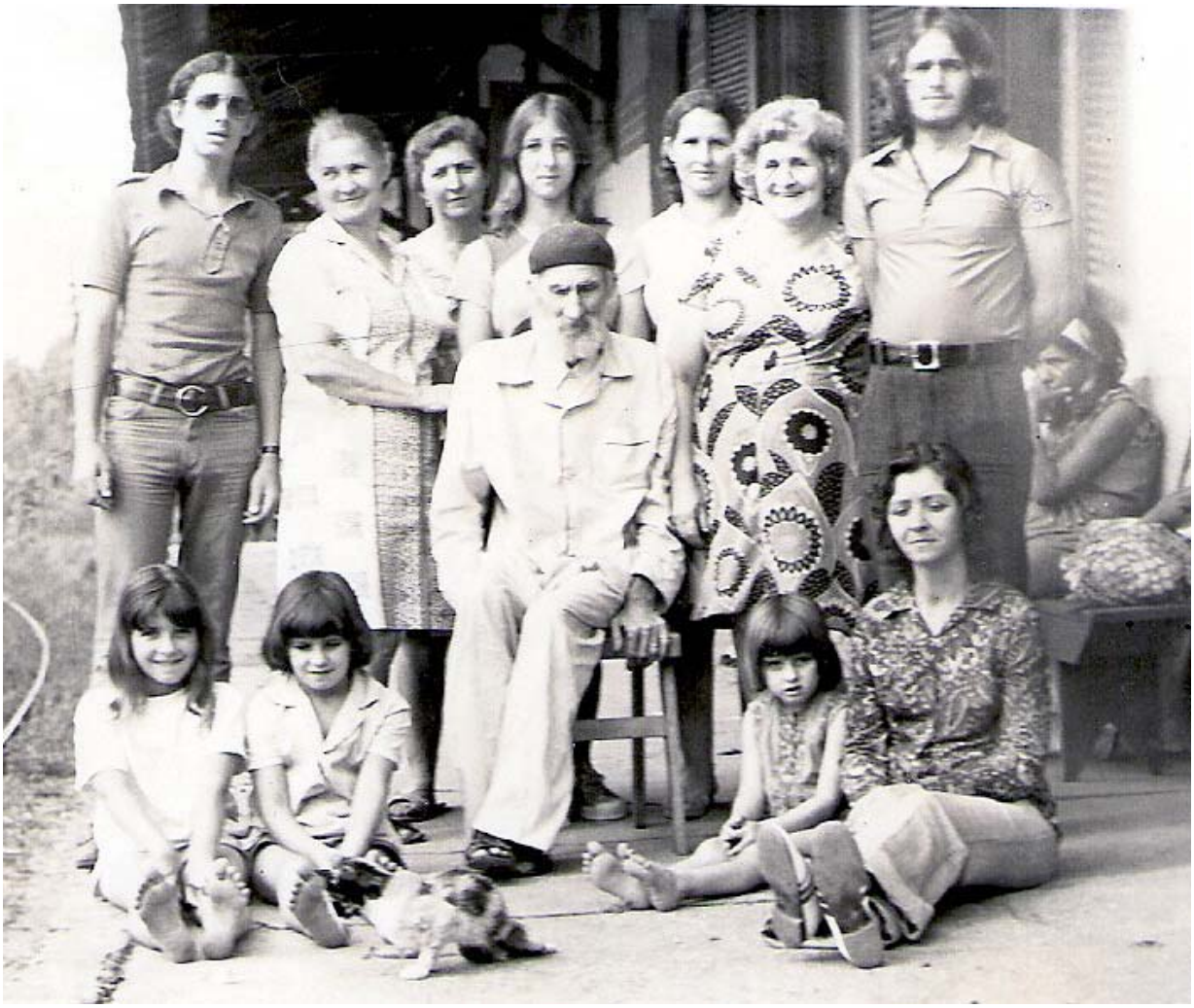
Neuza veio aqui no dia 10/09/68 e a Dorinha foi com ela para o Paraná. Dorinha foi sem se despedir dos filhos, que situação dura, o que será mais que ela vai ter que padecer.
Dorinha escreveu que fez boa viagem e que o Geraldo está um pouco melhor, que ele machucou-se bastante, mas que os miolos são os mesmos.
Pe. Zé contou que a Neuza escreveu para ele perguntando se ele tinha lavado as mãos e que ele respondeu que ele as lava todos os dias.

5 – Mudança para a Casa da Estação – Nov/968

A Rêde tirou o Agente e o Guarda-Chaves da Estação, porque tinha pouco movimento e eles não tinham serviço, ficavam ganhando dinheiro a toa. Mas os trens continuam parando para embarque e desembarque. Eu fui à São Sebastião do Rio Verde pedir ao prefeito para arrumarem-me a casa da Estação para a Escola Mello Viana. Ele foi à Belo Horizonte e arrumou com a chefia da Rede Mineira de Viação. Ele mesmo, o prefeito Sr. Silvio Mancilha da Fonseca veio fazer a entrega das chaves.

Dei uma limpeza na casa e mudamos para cá. Um cazarão, feito pelos ingleses, no tempo da fartura e serviço garantido. Paredes grossas de tijolos e cimento, engradamento de peroba com as mãos francesas e chapas de ferro embutidas, todas as portas com almofadas e pinho rijo, madeiras do assoalho de réguas, vidraças e venezianas, paredes altas e forradas. Possui nove cômodos, fora o armazém onde é o salão da escola, com duas grandes portas de carretilhas de um lado e de outro.

Agora, aqui na Estação, tem largueza, com duas portas de entrada. Tratei de mobiliá-la. Pus camas em todos os quartos. Onde era a Agência, hoje é um grande quarto, com quatro camas grandes. Hoje recebo a Turma do Zé e nosso amigo Pe Mário, todos os parentes, netos e amigos. Pousam aqui mesmo,passam uns dias aqui comigo. Quando tem muita gente para pousar, separo as mulheres no quartão, arrumo um separado para o Pe.Mário e os outros se amontoam por aí. Como diz o caboclo, fechando as portas, para dentro tudo é cômodo.



Pe. Mário dormia no colchão de molas, gostava de dormir um pouco de dia. A Glorinha falou:

- O Sr. não vai dormir hoje?
- Vou, estou esperando o Zé levantar para dormir na cama dele que é mais dura que a minha.

A Glorinha então mandou que ele deitasse numa marquesa de tábua. Quando ele levantou-se a Glorinha perguntou se ele tinha dormido bem, porque o colchão era duro. Ele perguntou:

- Lá tem colchão? Pensei que era tábua pura.

Versão da Tigró – Diário do Nov-1968

O prefeito veio fazer a entrega das chaves da casa da Estação. Papai está concho e satisfeito. Só fala em mudar-se para a casa nova. Zuza e um pintor estão limpando a casa. Os andarilhos a estragaram e sujaram por demais.

Levou uns oito dias para baldear as coisas da casa pequena para a casona, pois só uma porta de armário já era uma carga para dois homens. As camas antigas, foi preciso desmontá-las. O certo é que a casa grande ficou todinha mobiliada. Os móveis que eram grandes demais para a nossa casinha, nesta ficaram pequenos. Lá só podia armar uma cama em cada quarto, aqui armamos em um quarto três camas grandes, guarda roupa, máquina de costura da mamãe e ainda sobrou muito espaço. De fato é mesmo uma casa formidável. Igual nunca morei e nem morei numa tão bem construída, com tanta resistência e bom acabamento.
Para dizer a verdade, tudo me encanta nesta casa: o forro, o assoalho, altura das paredes, a resistência dos portais, os trincos, as venezianas e vidraças.
Do lado de fora da janela, acho uma gracinha uma mulherzinha de bronze para prender a veneziana, para não chocar com a vidraça e nem bater no peitoril da janela. A varanda, que chamamos de plataforma e o armazém, só vendo para admirar o feitio. Os encontros das vigas estão pregados com uma barra de ferro com rebites.
O armazém foi determinado a ser o salão de aula. A plataforma o papai ordenou que pusesse um banco para os andarilhos descansarem. É muito bem repartida e confortável a casa. Faz-me lembrar da Casa Grande do vovô. Era amada e de doces recordações. Esta é melhor. Eu penso que fortuna nós conseguirmos morar nesta casa, dentro de nosso terreno.

Papai fala em vender a nossa pequena morada. Isto peço a Deus que não aconteça, estou pesarosa de deixar a minha casinha. Apesar de pequena e desconfortável, é muito pitoresca e hospitaleira, sempre viveu repleta de povos, gente nossa e a parada dos andarilhos que, louvado seja Deus, chegavam cansados e famintos e saiam reconfortados para outra caminhada a seus destinos.

Um dia aconteceu uma que parece anedota. Papai abriu a porta e mandou entrar um andarilho, o qual disse que estava com fome e ferido, que havia sido vítima de uma facada. Papai chamou-me e ordenou-me dar de comer e que eu fizesse um curativo em sua ferida. Meia nervosa, obedeci seu mandado. Ele após merendar, perguntou para que lado encontrava mais perto uma cidade. Papai informou que era São Lourenço e aconselhou-o a ir ao hospital fazer um curativo. Despediu-se e saiu. Daí uma hora o papai voltou a sala para ouvir a reportagem das seis e ficou surpreso em não ver seu radinho e disse pesaroso:

- **Fiquei sem meu rádio, o tal homem o levou, mas que Deus proteja o pobre homem, além de ferido, talvez esteja correndo da polícia, coitado, que noite triste vai passar, bom será se ele vender o radio e valer para ele obter a cura do ferimento e comprar o que comer e viajar.**

No dia seguinte tivemos notícia que o pobre homem foi pelo caminho certo rumo ao hospital com o rádio ligado e que a freira telefonou para a polícia e o levaram para a delegacia e ele confessou que tinha pego o rádio de um velho que mora na roça perto da ponte da Estação. Por fim trouxeram o rádio e o entregaram ao papai.

Depois de uns três dias de estadia aqui na nova casa, vi que a barra pesou para olhar tudo lá na casinha. Eu, com o coração batendo até nas pernas, atravessava o terreiro achando tudo triste e esquisito. Sentei-me um pouco na pedra da porta da sala, pensei e meditei como tudo acaba nesse mundo, cadê o movimento desta casa, não quero ver minha casinha desabitada. O cão ainda estava amarrado na porta da casinha. Os pombos me espiolhavam no telhado. Minhas gatas vieram me fazer festa, as levei para o retiro e as tratei com leite. Trouxe leite também para o cão. Daí fui para a casa do meu camarada e ordenei que ele fosse morar lá em casa até segunda ordem

No dia de meu aniversário, 27 de janeiro de 1969 , caia numa segunda-feira. Minhas filhas queriam fazer a festa em Pouso Alto, na casa da Bebé e Alaíde. Quando foi sábado, chegou o Pe. Zé com a turma de Pouso Alto. Trouxeram leitoa, bebidas e bôlo. A Zuza e Glorinha tinham feito doces e quitandas. Mandei matar um bezerro gordo para o churrasco e disse para o Zé Ferreira reforçar as bebidas e trazer a branquinha que a turma gostava.
Nessa ocasião o Zé Dotti ia assentar o moinho e o empreiteiro era de longe e precisava de uma casa na beira do córrego para arranchar. Nos terrenos dele morava um camarada meu, o Zé Dotti não quis vender a casa para ele. Eu, sabendo disso, em dois ou três dias fiz uma casa para cá e trouxe o meu camarada. O Zé Dotti ficou muito satisfeito. Agora no meu aniversário, um dos primeiros presentes, foi um cheque de cem cruzeiros, do meu sobrinho e amigo Zé Dotti.
Começamos a festa no sábado à tarde. Jantamos e cantamos os parabéns. Os seqüilos e o bolo ficaram para o domingo, que foi outro dia de festa. E no dia 27, segunda feira à tarde, partimos o bolo com todo o povo. Um dos presentes que veio do Rio foi uma grossa de bolas de bexiga, com as quais enfeitamos a plataforma. Quando os trens passavam, os chefes gritavam:

- Cadê o bolo?

Um deles convidou o povo para embarcar dizendo que hoje era de graça.

Versão da Tigró – Diário de Jan–1969

Papai falou que ia comemorar o aniversário dele em Pouso Alto. Mas o povo, sabendo que ele ia sair no domingo, adiantou o expediente. Veio uma turma no sábado, junto com o Pe. Zé e disseram:

- O aniversário é na segunda feira, mas vamos comemorá–lo amanhã. O resto do povo vem no primeiro trem. Até os de Cristina. Alaide e Bebé vão trazer as leitoas e bebidas.

Papai disse:

- Tá certo, deixa virem. Faremos uma festa, um baile. A casa é grande.

A festa começou no sábado e terminou na terça feira após a saída do Pe. Zé, que prometeu voltar para passar o carnaval aqui. O Pe. Mario ficou aqui até depois da volta do Pe. Zé.
Correu tudo bem os três dias de festa. O povo mesmo se virou, arranjando modo para se distrair durante o dia, animados, conversavam e passeiavam pela linha, pela estrada, beira do rio, nadavam, não paravam de daninhar pelas praias e nos matos dos arredores, a gente sempre ouvia a bulha da Turma do Zé.

À noite de segunda feira chegou a kombi do Miguel trazendo tio Zé Bartolomeu com as filhas, moçadas bonitas, enfeitam e animam uma festa. Chegou também o caminhão do Príncipe (Eduardo) cheio e a Tia Carmita no meio. Zélia veio com o Vitinho e trouxe um big toca–discos. Que valeu para dançar à vontade. A moçada cantado, parecia um coral de anjos de tão lindo, que os mais velhos até choravam de emoção de ver. Sempre corria um quentão por todo o vasto salão.

A Zuza, querendo plantar pelo lado debaixo da linha, na beira do Rio Verde, precisava fechar o terreno. O mestre de linha disse que poderia fechar beirando a linha, mas com bambu. Eu aproveitei a Turma do Zé. Foram lá em cima no Sr. Lorde, cortaram e trouxeram pelo rio umas 15 ou 20 dúzias de bambu. A Zuza fechou o terreno e plantou mais de 15 kg de milho híbrido, tratou e colhemos uns 30 cargueiros, que puxamos e pusemos num canto do armazém.
Aqui na Estação é muito divertido, passa gente toda hora de bicicleta e a pé e seis trens de passageiros, três para cima e três para baixo. De vez em quando vem a turma de pescadores de Cruzeiro, Passa Quatro, Itanhandú, etc. Às vezes me pediam e pousavam no armazém. Eu gostava de prosear com eles, era uma turma alinhada, empregados da Rêde, comerciantes, até banqueiros do Banco do Brasil. Eram quase todos solteiros e já tinham passado três córregos. Proseavam e contavam anedotas. A Zuza também tirava sua casquinha. Tudo para eles era a professora: para arrumar água, lenha, cozinhar para eles e arrumar os adredons para dormirem nas carteiras. Alguns que eram mais conhecidos, os punham no quartão.

Um dia veio junto um viúvo, moço, simpático, de boa prosa e começou a fazer a corte para a professora Zuza. Os companheiros começaram a dar indiretas e contar piadas. E a Zuza, levando o caso na brincadeira, contava anedotas também, o que a turma gostava e ria bastante.
O primeiro causo que a Zuza contou para o viúvo foi: Uma tia do meu pai, filha do Capistrano do Rosário, casou–se a primeira vez com o Rangel. Ele morreu e ela casou–se com o Chico Pedra, que bebia muito, e quando estava bêbedo, perguntava à ela:

- Sinhazinha, meu coração é teu, e o teu é meu?
- Não, o meu o Rangel levou.

O pessoal ria e achava graça, mas o viúvo ria com uma risadinha amarela.

A Zuza continuou contando: Sinhazinha morava no fazendão do pai com o Chico Pedra, que quando bêbado dizia que a fazenda era assombrada, que enxergava assombração até de dia. Uma vez mandou um escravo comprar um garrafão de pinga, escondido da Sinhazinha. O escravo chegando com o garrafão, entrou no salão quando o Chico Pedra e a Sinhazinha vinham vindo. Para esconder o garrafão o escravo entrou debaixo do sofá. O Chico, quando viu o sofá se mexer, falou com a Sinhazinha:

- Olha Sinhazinha, não falei que tem fantasma nessa casa?

O criado suspendeu o dedo e deu sinal para ele. Só então ele lembrou-se do garrafão de pinga e disse:

- Não é nada não Sinhazinha, não é nada!

E foi saindo com ela.

Quando eu negociava em Pouso Alto a Zuza me ajudava muito no balcão. As vezes eu ficava de longe dando risadas de vê-la de prosa com os fregueses. Um dia veio da Laje um homem trazendo queijo, que estavam colocados num saco forrado com palha, para não estragar. A Zuza tirando os queijos, falou com ele:

- Seus queijos estão sujos.
- Não é sujeira não, Sra. Zuza, é o cabelo do saco.

6 – Casamento Zézinho e Olga – Diário da Tigró – Junho–1970

No dia 20 de junho a Dorinha chegou aqui. Foi uma grande surpresa e maior ainda para a Alaide. A Dorinha disse:

- Vim convidar vocês para irem assistir o casamento da minha filha Olga com o Zezinho, no dia 20 de julho. Já está tudo arrumado.

Alaíde empalideceu e desatou a chorar dizendo:

- O Zezinho é um ingrato, não participa a mãe, não estou sabendo de nada.

Papai tomou a palavra procurando confortar a Alaíde:

- Está certo, está bom, ainda bem que procurou uma prima, e você vai junto com a Dorinha ao Paraná e faça festa, mostra que está contente com o casamento de seus filhos.

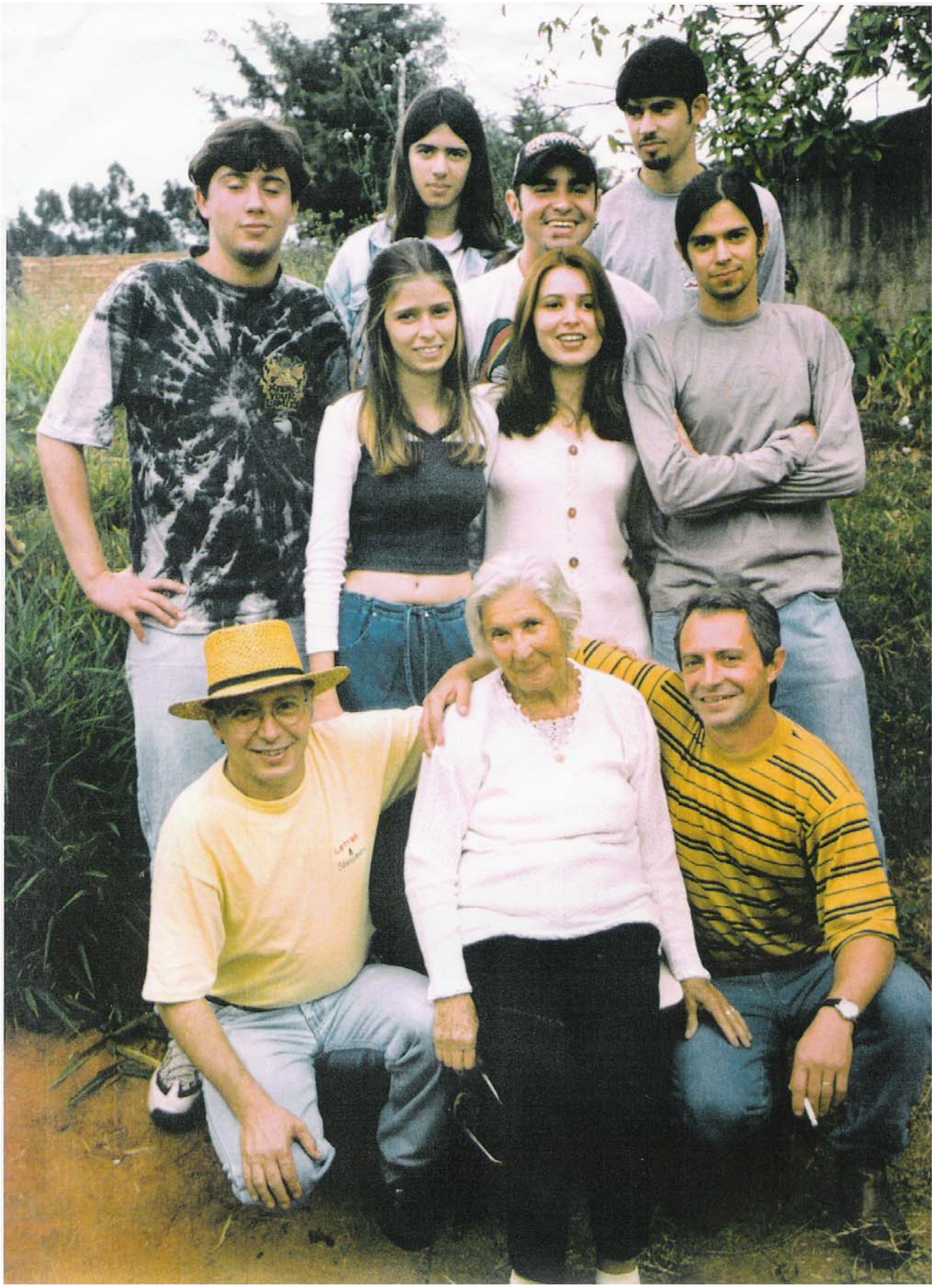
Dorinha apoiou dizendo:

- Alaide, voce me ajuda, ainda tenho muito o que coser. O vestido da noiva ainda está por fazer. Partiremos amanhã.
- Irei Dorinha, seja o que Deus quiser.

Alaíde nesta noite dormiu ao meu lado, creio que ela não conseguiu dormir. Toda hora que eu acordava eu ouvia seus soluços. Pobre mana, deve estar bem baqueada. Deus que compadeça dela e a dê conformidade. Filho criado, trabalho dobrado!

O dia que papai recebe a participação de casamento de um neto ou neta, ele oferece a oração do terço comunitário que rezamos em família. E no dia do casamento do Zezinho com a Olga, o papai após o terço fez um sermão com o rosário na mão:

– Oferecemos esse terço por intenção de minhas filhas que hoje estão no Paraná para realizarem o sacramento do matrimônio do filho da Alaíde, minha filha, com a filha da Drinha, também minha filha. Portanto, oh Virgem Maria e glorioso São José, derramem copiosas bençãos sobre minhas filhas, que unirão em matrimônio meus dois netos José Joaquim e Olga. Neto é filho duas vezes, portanto os nubentes são meus filhos e quatro vezes os dois são meus netos. E hoje, 7 de julho de 1970, é também o aniversário da Alaíde. O filho escolheu uma data bonita para o dia de seu casamento. E boniteza maior é o meu filho Padre José que vai celebrar a cerimônia> Louvado seja Deus. Hoje a casa da Dorinha está em festa. Vamos pedir à Deus para que corra tudo bem, para não faltar nada, para Nossa Senhora pedia ao seu Filho Jesus abençoar os alimentos, multiplicar o vinho, como nas bodas de Canaã, porque só o casal Geraldo e Dorinha com seus 13 filhos já dão o movimento para uma festa povoada.

No dia 23 de julho Alaíde e o Pe. Zé chegaram de volta do Paraná, disse–nos que tudo correu bem. De fato estão casados a Olga e o Zezinho. Tomara que vivam bem. O Hélio também foi ao casamento na esperança de ficar noivo da Isabel, mas trouxe a tábua. Bem bom, Deus nos acode ver uma sobrinha casar com um desquitado da Igreja.

Na noite que Alaíde e Pe. Zé passaram aqui, veio um conjunto de São Lourenço tocar. Os artistas já são nossos conhecidos. Eles vêm sempre pescar por aqui. Pescam e depois fazem serenata e ceiam aqui em casa. Tocaram e cantaram bonito de verdade. Pe. Zé gostou muito. Alaíde também, mas chorou bastante.